

## Duas histórias da arquitetura

### Two histories of architecture

*Pedro P. Palazzo*<sup>1</sup>

#### Resumo

Dois modos de definir e escrever a história da arquitetura se desenvolveram em paralelo desde o Renascimento tardio: uma tradição literária que se vale da arquitetura como fonte para o entendimento histórico da sociedade, e uma tradição disciplinar que se vale da história como quadro do entendimento da arquitetura enquanto campo profissional. Essas duas tradições divergiram, mas não deixaram de manter contatos e trocas de métodos e objetos de estudo. Atualmente, o ofício da história da arquitetura se vincula predominantemente a abordagens críticas, oriundas da tradição literária. Contudo, por trás dessa vinculação ostensiva, o instrumental disciplinar de análise do ambiente construído continua sendo indispensável à produção de conhecimento. A fragilidade da autonomia crítica ante as investidas da teoria contemporânea sugere que é oportuno adotar uma atitude de equilíbrio entre as duas tradições historiográficas.

**Palavras-chave:** história; arquitetura; literatura.

#### Abstract

Two modes of defining and writing the history of architecture have developed in parallel since the late Renaissance: a literary tradition that mobilizes architecture as a source for understanding society historically, and a disciplinary tradition that mobilizes history as a framework for understanding architecture as a professional field. Although these traditions have diverged, they have continued to maintain points of contact and exchanges of methods and objects of study. At present, the practice of architectural history is predominantly aligned with critical approaches derived from the literary tradition. However, beneath this explicit alignment, the disciplinary apparatus for analyzing the built environment remains indispensable to the production of knowledge. The fragility of critical autonomy in the face of

---

<sup>1</sup> palazzo@unb.br · Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

incursions from contemporary theory suggests that it is timely to adopt a balanced stance between these two historiographical traditions.

**Keywords:** history; architecture; literature.

O projecto desta dissertação nasceu daí; da falta, há muito sentida, duma dimensão no estudo da arte portuguesa (em particular da arquitectura quinhentista, que mais temos estudado): o conhecimento da cultura viva dos seus artistas, *a ir buscar nos próprios testemunhos escritos* [...]

— Rafael Moreira

## Introdução<sup>2</sup>

A abertura da dissertação de mestrado de Rafael Moreira (1947–2025), citada em epígrafe,<sup>3</sup> no mesmo espírito dos trabalhos coetâneos de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira (n. 1943)<sup>4</sup> sobre os artistas do barroco mineiro, confirmava o alinhamento tardio da historiografia de língua portuguesa sobre arte e arquitetura ao paradigma de investigação histórica favorecido na Europa desde a década de 1930 por historiadores da arte como Rudolf Wittkower (1901–1971).<sup>5</sup> Esse paradigma preconiza superar a interpretação direta da obra construída, admitindo apenas fontes primárias de natureza documental, e mais ainda, enunciadas de modo verbal preferencialmente às fontes gráficas.

A hegemonia alcançada por esse paradigma verbal da história da arte e da arquitetura não impede que ele seja frequentemente reafirmado com palavras

---

<sup>2</sup> O autor agradece a historiadora Déborah de Oliveira Melo e os professores arquitetos Tiago Castela, Jorge Figueira, Carmen Popescu e Gustavo Rocha-Peixoto pelos produtivos diálogos durante o processo de maturação do argumento deste artigo.

<sup>3</sup> “Um tratado português de arquitectura do século XVI : 1576-1579” (Dissertação de Mestrado em História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982), i–ii, <http://hdl.handle.net/10362/122116>, grifo nosso.

<sup>4</sup> “A pintura de perspectiva em Minas Colonial, ciclo barroco”, *Barroco* 10 (1978); “A pintura de perspectiva em Minas Colonial, ciclo rococó”, *Barroco* 12 (1982): 170–81.

<sup>5</sup> Ver Evonne Levy, “Sedlmayr and Wittkower (1931–1932): More Than a Skirmish”, *Selva*, n. 2 (2020): 51–59, <https://selvajournal.org/article/sedlmayr-and-wittkower/>.

combativas. Na verdade, a combatividade perene é intrínseca a essa “história crítica”, não apenas em virtude da constante reconstrução metodológica que esse nome implica, mas sobretudo por causa da tensão que a investigação crítica em história da arquitetura mantém com o âmbito institucional no qual ela é produzida, justaposta à formação disciplinar em Arquitetura e Urbanismo. Em 2011, por exemplo, a historiadora da arquitetura Dianne Harris protestava contra uma interpretação disciplinar e reducionista do escopo da sua prática. O editorial em questão<sup>6</sup> fazia uma apologia da história crítica como uma empreitada que desconhecia limitações disciplinares arbitrárias impostas ao trabalho de investigação histórica. Após a retórica inicial, o texto se revela não tanto como uma queixa, mas como uma reiteração do lugar-comum de que a história da arquitetura é uma prática humanística e transdisciplinar, caracterizada pela crítica como modo definitivo de se fazer pesquisa.

Afirmar que toda história digna desse nome é crítica, e que a crítica não reconhece barreiras disciplinares, é consensual entre a comunidade acadêmica global, mas é também um *slogan* que mascara uma barreira disciplinar intrínseca à tradição historiográfica na qual se formou o conceito de “história crítica da arquitetura”. Essa barreira se ergue contra a contaminação da história da arquitetura pela disciplina da arquitetura. O que está em jogo nessa exclusão deixou há muito tempo de ser a operatividade romântica e modernista que consistia em reduzir a história a um “maleável instrumento do agir” arquitetônico, como denunciava em 1968 o arquiteto modernista italiano Manfredo Tafuri<sup>7</sup> (1935–1994). A autoridade metodológica do atual “projeto histórico” da arquitetura, para usar outra expressão cunhada por Tafuri,<sup>8</sup> se subordina a um paradigma oriundo de outro campo disciplinar, a tradição literária humanística. Com isso, procura escamotear a linhagem historiográfica própria ao campo disciplinar da arquitetura, que se origina da atitude antiquária e

---

<sup>6</sup> “That’s Not Architectural History!”, *Journal of the Society of Architectural Historians* 70, n. 2 (2011): 149–52, <https://doi.org/10.1525/jsah.2011.70.2.149>.

<sup>7</sup> *Teorie e storia dell’architettura*, Biblioteca di cultura moderna 649 (Laterza, 1968), 173.

<sup>8</sup> “Il ‘progetto’ storico”, *Casabella*, n. 429 (1977): 11–18.

da documentação arqueológica das edificações antigas, séculos antes da consolidação da história crítica.

O ofício da história da arquitetura, tal como é conduzido de modo predominante hoje em dia — inclusive neste artigo —, é uma prática verbal oriunda de uma tradição historiográfica humanística, e, portanto, literária, interessada sobretudo em fontes escritas com o propósito de escrever narrativas acerca das relações sociais. Tal prática ganhou preeminência a partir da segunda metade do século XX em resposta aos abusos ideológicos e às fragilidades metodológicas de outra história da arquitetura: esta era um modo mais marcadamente disciplinar de investigar o ambiente construído, voltado tanto para a produção de interpretações teóricas quanto para oferecer insumos à prática profissional da arquitetura. O historiador inglês Clyde Binfield (n. 1940) conceituou essa oposição como sendo entre:

[...] o papel da arquitetura como fonte para vários tipos de história [...] [e] os modos pelos quais as fontes históricas contribuem para o entendimento da arquitetura e dos processos de transformação arquitetônica.<sup>9</sup>

Essa distinção não é, por óbvio, uma oposição dicotômica mas sim um gradiente ao longo do qual transformam-se os olhares para as fontes primárias, as estratégias metodológicas e os objetivos disciplinares de quem investiga ou ensina a história da arquitetura. Ainda assim, essa dualidade serve como ferramenta para entender o sensível deslocamento das práticas em história da arquitetura levado a cabo na segunda metade do século XX.

Nesse deslocamento, a arquitetura usada como fonte para a historiografia acabou por se tornar o modo hegemônico em detrimento da história usada como quadro do entendimento da arquitetura. Isso resultou, então, na consolidação do que hoje se entende como “história crítica da arquitetura”, nas suas conquistas metodológicas, mas também nos seus impasses conceituais. O deslocamento não implicou a extinção de investigações que aplicam diversos recursos da caixa de

---

<sup>9</sup> Clyde Binfield, “Architecture and History: An Introduction”, *Transactions of the Royal Historical Society* 13 (2003): 192, <https://www.jstor.org/stable/3679251>, tradução nossa.

ferramentas disciplinares ao estudo do ambiente construído. No entanto, essas investigações são em geral rotuladas como arqueologia, estudos morfológicos, ou a categoria de estudos vernaculares, o qual aparenta ser apenas um recorte temático, mas na verdade subentende um *kit* de ferramentas analíticas específicas. O resultado dessa deriva é a segregação de trabalhos em veículos distintos, com redução na sua iluminação recíproca.

Ambas as variantes historiográficas, contudo, apresentam uma componente crítica e outra teórica, que interagem de diferentes modos segundo as variadas estratégias metodológicas adotadas na escrita da história. Se Tafuri,<sup>10</sup> por exemplo, aproveitou o jogo de palavras com a “crise” provocada pelo capitalismo para defender a necessidade de uma história puramente “crítica” e não contaminada por teorias operativas, Marco Biraghi<sup>11</sup> (n. 1959) mostra que isso se deve justamente às preocupações teóricas de Tafuri com respeito aos rumos da arquitetura contemporânea. Reposicionando esse jogo de palavras no seu devido lugar, a crítica como estratégia metodológica de investigação já comparece na tradição antiquária de meados do século XVII a meados do XVIII. Foi nesse período que se gestou a “crise da consciência europeia”, descrita por Paul Hazard<sup>12</sup> (1878–1944) e tantas vezes usada como marco inicial da modernidade arquitetônica, de Peter Collins (1920–1981) passando por Alberto Pérez-Gómez (n. 1949) e até Joseph Rykwert (1926–2024).<sup>13</sup>

A história da arquitetura no Brasil se encontra, atualmente, numa curiosa situação de estabilidade instável. Estabilidade porque, contrariamente à comunidade acadêmica internacional, que fervilha desde o início deste século com inquietações acerca da natureza da investigação, dos seus métodos e dos seus objetos de estudo, tem havido escassa produção bibliográfica a esse respeito

---

<sup>10</sup> *Progetto e utopia: architettura e sviluppo capitalistico* (Laterza, 1977).

<sup>11</sup> *Progetto di crisi: Manfredo Tafuri e l'architettura contemporanea*, Vita delle forme 4 (Marinotti, 2005).

<sup>12</sup> *La Crise de la conscience européenne (1680–1715)* (Boivin, 1934).

<sup>13</sup> Peter Collins, *Changing Ideals in Modern Architecture 1750–1950* (McGill University Press, 1965); Alberto Pérez-Gómez, *Architecture and the Crisis of Modern Science* (MIT Press, 1983); Joseph Rykwert, *The First Moderns: The Architects of the Eighteenth Century* (MIT Press, 1991).

no nosso país. E também porque, diferentemente do campo da história da cidade e do urbanismo, não se viu nem uma revisão crítica, nem um mapeamento da *história da história da arquitetura* com grande destaque recente. Margareth da Silva Pereira<sup>14</sup> bem contribuiu com uma revisão geral da produção recente em história da “arquitetura e urbanismo”, mas voltada apenas para a historiografia sobre o século XX, refletindo o predomínio desse recorte cronológico no universo das pesquisas brasileiras.

Ao mesmo tempo, a prática corrente de investigação em história da arquitetura se caracteriza pela constante e necessária readequação do instrumental metodológico a renovadas abordagens sobre seus objetos de estudo. Parte desse estado da arte é análogo ao cenário internacional. A consolidação da história crítica da arquitetura em finais do século XX buscou apresentar a si mesma como um *fim da história* da historiografia, o método definitivo justamente por ser sempre provisório e repensado caso a caso, como o caracteriza Mark Jarzombek<sup>15</sup> (n. 1954). A história crítica da arquitetura, hoje, se afirma como um campo resolutamente antidisciplinar, uma vez que a pesquisa não pode ser arbitrariamente determinada pelos métodos intrínsecos a uma especialidade profissional, mesmo que seja da própria arquitetura. Contudo, o universo de métodos disponíveis para a história crítica da arquitetura não é ilimitado. Desse universo estão implicitamente excluídos os métodos de análise próprios ao campo disciplinar da arquitetura. Alguns, especialmente a análise visual e estilística, são tratados como obsoletos; outros, de natureza arqueológica ou tecnológica, são relegados ao *status* de especialidades de apoio, não propriamente históricas. Jarzombek<sup>16</sup> vislumbrou, há mais de duas décadas, que havia uma contradição intrínseca na origem dessa distinção, a qual termina por fazer com que a própria prática da história crítica seja engolida pela crítica

---

<sup>14</sup> “O rumor das narrativas: A história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico — notas para uma avaliação”, *ReDoBra*, n. 13 (2013): 201–47, [http://www.redobra.ufba.br/?page\\_id=193](http://www.redobra.ufba.br/?page_id=193).

<sup>15</sup> “A Prolegomena to Critical Historiography”, *Journal of Architectural Education* 52, n. 4 (1999): 197–206, <https://www.jstor.org/stable/1425409>.

<sup>16</sup> “A Prolegomena to Critical Historiography”.

historiográfica, ou seja, por uma teorização *a priori*.

O percurso da história da arquitetura entre a crítica antidisciplinar e a comparatística disciplinar conduzirá este artigo da tradição literária do humanismo renascentista até o modelo fragmentário da escrita da história, favorecido na crítica do século XX. Uma vez que o fio condutor dessa tradição é o refinamento do método antiquário de interpretação dos artefatos históricos, será então preciso analisar como esse método foi aplicado num contexto de apreciação dos objetos arquitetônicos, retrocedendo para tanto até o século XVII para então acompanhar a tradição de escrita e ensino da história no âmbito disciplinar, que também culmina no século XX. Por fim, os cruzamentos e distanciamentos entre a historiografia literária e a disciplinar, com a ascensão do culto à abstração desde meados do século XX, chamam atenção para a absorção contemporânea do estudo da história pelos interesses da teoria.

### **Arquitetura como fonte para o entendimento histórico**

Na tradição literária do humanismo renascentista, a arquitetura era uma dentre muitas curiosidades da cultura material apropriadas a serviço dos diversos gêneros de escrita. A fortuna crítica de Vitruvius como intérprete verbal das ruínas antigas é bem conhecida, e essa interação entre erudição literária e conhecimento arquitetônico foi exemplificada na edição crítica estabelecida em 1556 pelo historiador veneziano Daniele Barbaro (1514–1570) e pelo seu protegido, o arquiteto Andrea Palladio (1508–1580).<sup>17</sup> Na sua forma mais sofisticada, a descrição e representação do ambiente construído e da paisagem foi precursora da fisionomia, por exemplo no romance de iniciação *Hypnerotomachia Polyphili*, atribuído ao monge Francesco Colonna (1433–1527) (fig. 1). A fisionomia era o exercício de simbolização de caracteres morais ou psicológicos por meio da

---

<sup>17</sup> Vitruvius, *I dieci libri dell'architettura*, ed. e trad. por Daniele Barbaro (Francesco Marcolini, 1556), [http://archive.org/details/gri\\_33125009320074](http://archive.org/details/gri_33125009320074).

aparência física de pessoas e objetos representados na arte e na arquitetura (fig. 2), e atingiu seu auge em meados do século XVII, como mostra Louis van Delft<sup>18</sup> (1938–2016).



Figura 1: Ilustração do *Hypnerotomachia Polyphili* (1499).

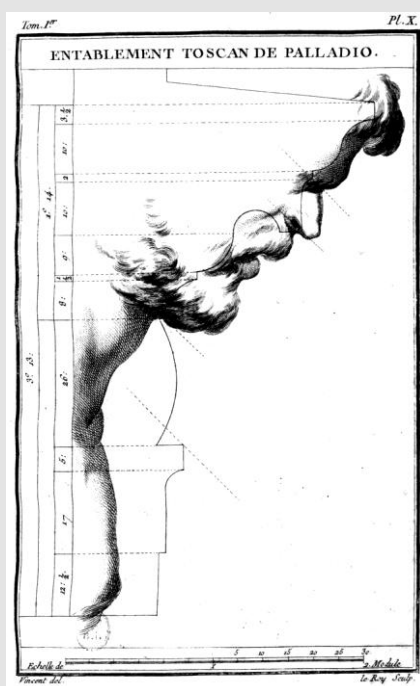


Figura 2: Fisionomia do entablamento toscano. Do *Cours d'architecture* de Jacques-François Blondel, 1771, pranchas do v. 1, X. Fonte: Gallica.

<sup>18</sup> *Nature humaine et caractère a l'âge classique* (Presses Universitaires de France, 1993), <https://doi.org/10.3917/puf.ricoe.1993.01>.

O uso da arquitetura como matéria-prima da escrita também comparecia, por aquela época, no gênero cronístico. Com veneráveis raízes medievais nos guias dos peregrinos que viajavam a Roma e precisavam se orientar entre as inúmeras igrejas, o livro de anedotas históricas organizado topograficamente floresceu na França do século XVII. Segundo Elizabeth McKellar,<sup>19</sup> Germain Brice (1653–1727) estabeleceu em 1684 a forma paradigmática desse gênero com a sua *Description nouvelle de ce qu'il y a de plus remarquable dans la ville de Paris*, mesclando capítulos de bairros e de monumentos importantes, mas se ocupava pouco do ambiente construído propriamente dito.

No livro *Antiquités de Paris* de Henri Sauval<sup>20</sup> (1623–1676), cujo manuscrito terá sido completado cerca de 1654, a apresentação do tema era mais nitidamente voltada para a arquitetura. Contrariamente a Brice, Sauval dedicou-se à descrição física de diversos monumentos e, como ressaltou Naomi Miller,<sup>21</sup> detalhou inclusive diversas soluções estruturais notáveis. Pelo seu método de organização e pela correspondência de Sauval, resgatada por Miller, o livro se reportava ao ideal de colecionismo do movimento antiquário, então no auge da sua popularidade na Europa.

Em ambos os livros, que prenunciavam os guias de cidades populares no século XIX,<sup>22</sup> a arquitetura comparecia interpretada pela narrativa textual. Mesmo quando as edições subsequentes da obra de Brice passaram a incluir estampas representando alguns dos principais monumentos da cidade, essas imagens serviam como mera ilustração, sem conteúdo interpretativo. Nessa ausência do imediatismo sintético que pudesse ser oferecido por uma imagem com valor interpretativo residia a principal diferença entre o antiquarismo e o

---

<sup>19</sup> “Tales of Two Cities: Architecture, Print and Early Guidebooks to Paris and London”, *Humanities* 2, n. 3, 3 (2013): 328–50, <https://doi.org/10.3390/h2030328>.

<sup>20</sup> *Histoire et recherches des antiquités de la ville de Paris*, 3 vols. (C. Moette, 1724), <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31304483m>.

<sup>21</sup> “*Antiquités de Paris: A Text for Architects, Antiquarians, Amateurs*”, *Zeitschrift Für Kunstgeschichte* 67, n. 4 (2004): 540–50, <https://doi.org/10.2307/20474269>.

<sup>22</sup> McKellar, “Tales of Two Cities”.

gênero literário da escrita histórica com conteúdo arquitetônico. André Araújo<sup>23</sup> mostra como, a partir da segunda metade do século XVIII, essa distinção se aprofundou e ganhou justificativa teórica. Sob a égide do pensamento iluminista, separavam-se rigidamente, de um lado, uma documentação gráfica necessária à explicação arqueológica, e mais ainda aquela dedicada às “artes e ciências” práticas da Enciclopédia, e do outro lado o trabalho de síntese de um conhecimento histórico essencialmente verbal, para o qual as imagens eram meramente ilustrativas e, portanto, supérfluas ou mesmo enganosas.

A noção de que o conhecimento histórico era apoiado em fontes escritas e, portanto, devia ser construído por meios quase exclusivamente verbais, fez parte do processo de definição e compartimentação das ciências operado durante o Iluminismo. No entanto, a rejeição (até certo ponto) da representação gráfica como instrumento explicativo da história também se enquadrava num processo de exclusão do antiquarismo da esfera científica. Ao mesmo tempo que seus procedimentos metodológicos — tais como o colecionismo, a cronologia e, sobretudo, a filologia e a expertise — eram parcialmente apropriados pela prática historiográfica, a nova teoria da história que começava a ser articulada nas universidades alemãs desde meados do século XVIII aparentava relegar o antiquarismo, no seu conjunto, ao estrato pré-científico. Foi no âmbito dos debates formativos do idealismo alemão nessa época que se forjou a distinção, segundo Brad Prager,<sup>24</sup> entre uma cadeia essencialmente verbal de produção de conhecimento e a natureza fenomenológica dum *corpus* visual, como aquele dos artefatos colecionados pelo antiquário, que só ganhava sentido quando mediado pelo verdadeiro conhecimento verbal.

Foi a essa tradição literária que pertenceu um dos marcos fundadores da narrativa sistemática em história da arte, a *História da arte na Antiguidade*

---

<sup>23</sup> “Tradução Ilustrada: Imagens da História Universal inglesa e de suas edições europeias no século XVIII”, *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography* 11, n. 26 (2018): 69–100, <https://doi.org/10.15848/hh.v0i26.1168>.

<sup>24</sup> *Aesthetic Vision and German Romanticism: Writing Images* (Camden House, 2007), <https://books.google.com?id=r2JtOjOQSekC>.

(clássica) do alemão Johann Joachim Winckelmann (1717–1768). O método de Winckelmann não era avesso ao instrumental antiquário, e a expertise estava no centro do seu esforço em autenticar obras da Grécia clássica, por oposição às cópias helenísticas e romanas. No entanto, a verdadeira história, para ele, não consistia em catalogar obras exemplares como um colecionador antiquário ou um artista em busca de repertório, nem “uma mera explicação da sequência no tempo das transformações [na arte antiga] mas, pelo contrário, [...] uma busca por oferecer uma estrutura do conhecimento.”<sup>25</sup> Se a estrutura do conhecimento era o objetivo final do estudo da arte, então a iconografia artística interessava apenas na medida em que ela dava indícios figurativos para conhecer os aspectos não figurativos da cultura de um povo e de uma época.<sup>26</sup> A individualidade da obra de arte tinha, portanto, escasso interesse, e as estampas incluídas no livro tinham um caráter, por assim dizer, meramente ilustrativo (fig. 3).



Figura 3: Winckelmann, *Geschichte der Kunst des Alterthums*, 1764, p. 127. Fonte: Biblioteca da Universidade de Heidelberg

<sup>25</sup> Johann Joachim Winckelmann, *Geschichte der Kunst des Alterthums* (Walther, 1764), <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/winckelmann1764>, ix, tradução nossa.

<sup>26</sup> Dana Arnold e Stephen Bending, “Introduction”, em *Tracing Architecture: The Aesthetics of Antiquarianism*, org. Dana Arnold e Stephen Bending (Blackwell, 2003).

A história de Winckelmann tinha um propósito intencionalmente restrito, mas a cultura letrada da Saxônia, à qual ele estava ligado desde os seus estudos universitários em Halle an der Saale, impulsionaria a formulação mais geral da abordagem comparada na historiografia da arte e da arquitetura. Foi nesses círculos, entre a cidade universitária de Halle e os grandes centros urbanos saxões em Dresde, Breslau e Lípsia (fig. 4), que se constituiu no século XVIII uma tradição historiográfica letrada em âmbito universitário, por oposição ao estudo das obras antigas no âmbito das academias de arte. Araújo<sup>27</sup> relata a popularidade da monumental *Universal History*, inicialmente editada no Reino Unido a partir de 1734,<sup>28</sup> na sua tradução alemã publicada em Halle.<sup>29</sup>



Figura 4: Johannes Jacobus Käs (coordenação); Peter Schenck (gravura): Mapa do eleitorado da Saxônia, 1734-1750. Fonte: Arquivo do Estado de Hesse em Marburgo, Karten Nr. P II 12590, via Wikimedia Commons.

<sup>27</sup> “Tradução Ilustrada”.

<sup>28</sup> Archibald Bower et al., org., *An Universal History, from the Earliest Account of Time to the Present; Compiled from Original Authors and Illustrated with Maps, Cuts, Notes, Chronological and Other Tables*, 44 vols. (George Faulkner, 1734), <http://archive.org/details/AnUniversalHistoryFOLIOEDITION1734>.

<sup>29</sup> *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie die in Engeland durch eine Gesellschaft von Gelehrten ausgefertigt worden* (Joh. Justinus Gebauer, 1744–1814).

Thomas DaCosta Kaufmann<sup>30</sup> (n.1948) mostra como os círculos universitários e editoriais da Saxônia e regiões vizinhas ao longo de todo o século XVIII foram pioneiros em relacionar a proposta investigativa das histórias universais com a história da arte e com a história natural — a qual compreendia os primórdios do que mais tarde se entenderia por geografia física e humana — e com a jurisprudência luterana, que tratava de questões ligadas à produção e circulação de imagens. Foi nesse círculo que, em 1827, o jurista Christian Ludwig Stieglitz (1756–1836) estabeleceu o formato canônico das histórias gerais da arquitetura com base na estrutura das histórias universais. Na introdução do seu próprio livro sobre o tema, ele anunciava que iria tratar de “como ela foi produzida em várias Idades, por vários povos, de várias maneiras.”<sup>31</sup> Com isso, os modelos biográficos e cronístico de escrita da história da arquitetura cederam lugar a uma historiografia sistemática, determinada a cobrir todo o escopo cronológico e geográfico da humanidade.

O sumário de Stieglitz estabelecia a estrutura geral que seria seguida pelos principais livros de história geral da arquitetura ao longo do século XIX. Ele separava sua narrativa em três partes semelhantes às três Idades da arte concebidas pelo filósofo Georg Wilhelm Frierich Hegel (1770–1831) nos seus cursos de estética, que ele ministrou a partir de 1818 na Universidade de Berlim.<sup>32</sup> Na primeira parte, ele se desvincilhava de todas as culturas não pertencentes à linhagem canônica da tradição europeia. A segunda parte compreendia o que estava em vias de se consolidar como o cânone arquitetônico ocidental, começando com o Egito antigo e indo até o final da Antiguidade clássica. Finalmente, o autor dedicava a terceira parte do livro à arquitetura

---

<sup>30</sup> “Before Winckelmann: Toward the Origins of the Historiography of Art”, em *Knowledge, Science, and Literature in Early Modern Germany*, v. 116, org. Gerhild Scholz Williams e Stephan K. Schindler (University of North Carolina Press, 1996), [https://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469656472\\_williams.7](https://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469656472_williams.7).

<sup>31</sup> Christian Ludwig Stieglitz, *Geschichte der Baukunst vom frühesten Alterthume bis in die neuern Zeiten* (Friedrich Campe, 1827), <https://catalog.hathitrust.org/Record/006213031>, iii, tradução nossa.

<sup>32</sup> Não há evidência de contatos diretos entre Stieglitz e Hegel, mas os cursos de estética deste último eram famosos e seriam publicados alguns anos mais tarde.

medieval e Renascentista, e sobretudo ao gótico alemão. As universidades alemãs na primeira metade do século XIX foram precursoras na institucionalização da história das artes e da arquitetura enquanto objeto de investigação acadêmica,<sup>33</sup> e o livro de Stieglitz foi um marco nesse processo.

A tradição estabelecida por Winckelmann e Stieglitz estruturou, ao longo do século XIX, o campo disciplinar da história da arte enquanto parte do universo humanístico e literário nas universidades e nos museus de língua alemã. Nesse ambiente, as narrativas sistemáticas cederam paulatinamente o lugar, em finais do século XIX, às investigações sobre recortes mais delimitados, como resposta às demandas da curadoria em coleções arqueológicas e à lógica de elaboração de teses acadêmicas.

Diante dessa nova perspectiva sobre os objetos da história da arte e da arquitetura, a chamada história crítica de finais do século XIX e início do XX se caracterizou, segundo Michael Podro<sup>34</sup> (1931–2008), por rejeitar esquemas interpretativos gerais e, em vez disso, estabelecer abordagens e estratégias metodológicas específicas para cada objeto de estudo. Esse ciclo é mais lembrado, de modo superficial, pela ênfase dada por autores como o austríaco Alois Riegl (1858–1905) ou o suíço Heinrich Wölfflin (1864–1945) às determinantes psicológicas da composição plástica.<sup>35</sup>

A ideia de que a historiografia seria capaz de escrever uma narrativa sistemática e estruturada sobre o passado acabou por se esfacelar na primeira metade do século XX. Com isso, a desconfiança com respeito às imagens (e mais ainda aos objetos arquitetônicos tangíveis) na historiografia se fortaleceu, tanto no que diz respeito ao seu uso como fontes históricas, quanto à produção de interpretações visuais. Em 1932, Wittkower denunciou a fragilidade da análise visual enquanto ferramenta de interpretação em história da arquitetura,

---

<sup>33</sup> David Watkin, *The Rise of Architectural History* (Architectural Press : Eastview, 1980).

<sup>34</sup> *The Critical Historians of Art* (Yale University Press, 1982).

<sup>35</sup> Alois Riegl, *Stilfragen: Grundlegungen zu einer Geschichte der Ornamentik* (Siemens, 1893), <http://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.70527>; Heinrich Wölfflin, *Renaissance und Barock : eine Untersuchung über Wesen und Entstehung des Barockstils in Italien* (T. Ackermann, 1888), [http://archive.org/details/gri\\_33125006523688](http://archive.org/details/gri_33125006523688).

apontando erros factuais cometidos por seu contemporâneo Hans Sedlmayr (1896–1984) no estudo do barroco romano.<sup>36</sup> Com base nesses erros, Wittkower condenava a possibilidade de se extrapolar uma narrativa histórica a partir da sensibilidade estética do historiador, sem o respaldo de fontes explícitas. Essa mudança de perspectiva nas décadas de 1920 e 30 era uma resposta à apropriação da historiografia totalizante e da análise visual para fins de glorificação do etnocentrismo germânico (Sedlmayr era filiado ao partido nazista desde 1931). No âmbito arquitetônico, a atitude crítica resultou na iconologia de Erwin Panofsky<sup>37</sup> (1892–1968), que apesar do nome sugestivo, consistia numa rejeição metodológica da análise visual.

Em Panofsky, os aspectos estritamente visuais da obra constituem um estágio preliminar e, para ele, comparativamente desinteressante da investigação. O cerne de textos como *Arquitetura gótica e escolástica* consistia, segundo Mark Crinson e Richard J. Williams, em mostrar como a obra arquitetônica representava um certo modo de pensar. Esse modo, por sua vez, podia ser elucidado de modo essencialmente verbal, tecendo uma rede de referências textuais que permitisse estabelecer uma “homologia”<sup>38</sup> entre o artefato e a tradição literária.

Em Wittkower, essa abordagem é especialmente nítida no livro de 1949 *Architectural Principles In the Age of Humanism*, dedicado ao estudo dos princípios geométricos por trás da arquitetura do Renascimento italiano. Alina A. Payne<sup>39</sup> mostra como a argumentação de Wittkower tinha o propósito de enfatizar a afinidade da arquitetura com princípios alheios à prática arquitetônica no sentido estrito: a tradição matemática e erudita do humanismo. Com isso, Wittkower afirmava implicitamente uma homologia de segunda ordem dentro da tradição literária humanista: o rebatimento entre uma caracterização não

---

<sup>36</sup> Levy, “Sedlmayr and Wittkower (1931–1932)”.

<sup>37</sup> *Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento* (Estampa, 1986).

<sup>38</sup> Mark Crinson e Richard J. Williams, *The Architecture of Art History: A Historiography* (Bloomsbury Visual Arts, 2018), 26.

<sup>39</sup> “Rudolf Wittkower and Architectural Principles in the Age of Modernism”, *Journal of the Society of Architectural Historians* 53, n. 3 (1994): 322–42, <https://doi.org/10.2307/990940>.

arquitetônica da teoria da arquitetura no Renascimento e a afirmação de superioridade numa variante historiográfica onde a arquitetura é fonte para um entendimento histórico essencialmente verbal.

### **História como quadro do entendimento da arquitetura**

A estratégia argumentativa do historiador da arte Wittkower foi invertida na obra do seu ex-orientando, o arquiteto Colin Rowe (1920–1999). No seu artigo “Matemática da vila ideal”, publicado em 1947 na *Architectural Review*, um periódico de arquitetura contemporânea, Rowe propôs uma alternativa arquitetônica à obra essencialmente baseada em fontes escritas do seu mestre. A abordagem de Rowe fazia uma associação especulativa entre expedientes de composição em Palladio e Le Corbusier. Diferentemente, também, do ensaio especulativo de Emil Kaufmann (1891–1953) sobre Ledoux e Le Corbusier,<sup>40</sup> que fazia associações baseadas nos conceitos verbais de abstração e de fragmentação, os argumentos de Rowe invocavam práticas projetuais da arquitetura enquanto ofício dotado dum arcabouço disciplinar específico.

Esse modo de fazer história da arquitetura, por meio de análises disciplinares inseridas num quadro histórico que delimitava o universo plausível de argumentos teóricos, se desenvolvera paralelamente à tradição historiográfica literária. É verdade que houvera, no humanismo, uma tratadística que visava a outorgar *status* letrado às artes manuais, inclusive à arquitetura. No entanto, já no Renascimento tardio a literatura artística e sobretudo arquitetônica assumiria um caráter eminentemente técnico e biográfico, enfatizando a natureza internalista do seu desenvolvimento e distanciando-a da tradição humanista.

Uma produção bibliográfica organizada segundo critérios históricos, mas

---

<sup>40</sup> Ver a análise de Macarena de la Vega, “Reconsidering Emil Kaufmann’s *Von Ledoux Bis Le Corbusier*”, *Cuaderno de Notas*, n. 15 (novembro de 2014): 110, <https://doi.org/10.20868/cn.2014.2962>.

adotando métodos de análise e visando a interesses arquitetônicos, aparece sobretudo em finais do século XVII e início do XVIII. Diante da dificuldade em interpretar ou aplicar o teor do tratado de Vitruvius e das dúvidas quanto ao estado do conhecimento dos monumentos antigos, a Real Academia de Arquitetura francesa enviou, em 1674, Antoine Desgodets (1653–1728) a Roma para realizar um extenso trabalho de levantamento, publicado em 1682.<sup>41</sup> O trabalho de Desgodets era inusitado, lembra Wolfgang Herrmann,<sup>42</sup> por associar descrições textuais breves e diretas a um levantamento gráfico preciso e exaustivo.

Para além do uso prático das reconstituições gráficas, a documentação arqueológica e mesmo os relatos de viajantes fomentaram, a partir do século XVIII, uma expansão dos horizontes arquitetônicos na Europa. Em 1721, o arquiteto austríaco Johann Bernhard Fischer von Erlach (1656–1723) publicou *Entwurf einer historischer Architektur*. Este terá sido o primeiro livro cujo título propusesse tratar da arquitetura desde um ponto de vista “histórico”, por oposição ao uso da “antiguidade” enquanto paradigma vigente para o projeto. Kristoffer Neville<sup>43</sup> mostra, porém, como essa obra combinava a dedicação antiquária à precisão documental com uma escolha de exemplos e estrutura narrativa que pertencia à tradição letrada, vinculada à historiografia da corte dos Habsburgos.

Fischer von Erlach organizava a sua narrativa em termos duma “arquitetura histórica” universal que incluía monumentos dos impérios Otomano, Persa (fig. 5) e da China. É bem verdade que essa universalidade respondia, mais do que a uma teoria intrínseca à arquitetura, à imagem do monarca universal católico promovida pelo imperador austríaco, bem como às dinâmicas

---

<sup>41</sup> Antoine Desgodets, *Les édifices antiques de Rome : dessinés et mesurés très exactement* (J. B. Coignard, 1682), <https://digital.library.wisc.edu/1711.dl/DV7EFDVLIOW6S8A>.

<sup>42</sup> “Antoine Desgodets and the Académie Royale d’Architecture”, *The Art Bulletin* 40, n. 1 (1958): 23–53, <https://doi.org/10.2307/3047746>.

<sup>43</sup> “Fischer von Erlach and the Habsburg Imperial Historians”, *Word & Image* 39, n. 2 (2023): 111–33, <https://doi.org/10.1080/02666286.2022.2069955>.

geopolíticas entre as potências europeias e asiáticas da época.<sup>44</sup>



Figura 5: Monumentos de Ispaão representados no Entwurff einer historischen Architektur de Fischer von Erlach, 2.<sup>a</sup> edição (1725). Fonte: Biblioteca da Universidade de Heidelberg

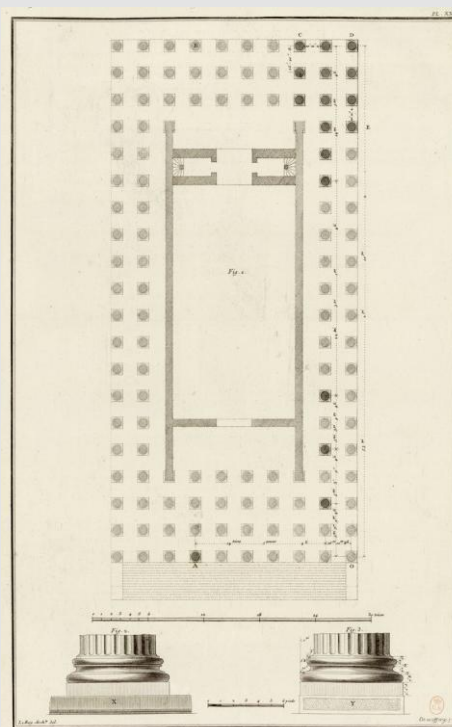
Enquanto Fischer von Erlach estabeleceu recortes culturais e um gênero descritivo para o estudo da história da arquitetura que permaneceriam sendo normativos até recentemente, o livro de Desgodets deu o pontapé inicial na revisão dos modelos antigos como

<sup>44</sup> Thomas DaCosta Kaufmann, “Antiquarianism, the History of Objects, and the History of Art Before Winckelmann”, *Journal of the History of Ideas* 62, n. 3 (2001): 523–41, <https://doi.org/10.2307/3654154> sugere, sem se deter na questão, que Fischer von Erlach estivesse alinhado com as reflexões filosóficas alemãs de finais do século XVII em torno à formulação de um conceito de história universal. É um assunto a ser explorado mas, até nova ordem, uma suposição um tanto frágil. As fontes históricas conhecidas mostram que o discurso humanístico de Fischer von Erlach se dava sobretudo em diálogo com outros arquitetos, como argumenta Kristoffer Neville, “Johann Bernhard Fischer von Erlach and the Humanistic Discourse Among Architects Around 1700”, em *Architekt Und/Versus Baumeister: Die Frage Nach Dem Metier*, org. Tiziana De Filippo et al., Studien Und Texte Zur Geschichte Der Architekturtheorie (gta-Verl, 2009).

fundamento para a prática moderna da arquitetura. Um testemunho marcante do olhar arquitetônico sobre a história foi o tratado de Julien-David Le Roy<sup>45</sup> (1724–1803) na sua documentação dos monumentos da Grécia antiga, principalmente na sua segunda edição de 1770. Como mostra Jeanne Kisacky,<sup>46</sup> Le Roy articulou de modo pioneiro uma distinção entre o modo de olhar para a arquitetura por meio da história e o modo de analisar essa mesma arquitetura com métodos e interesses propriamente arquitetônicos. Sugestivamente, ele ilustrou sua narrativa histórica com perspectivas dos monumentos arruinados, ao passo que a análise arquitetônica era feita por meio de desenhos técnicos da reconstituição desses monumentos (fig. 6).



*a*



*b*

Figura 6: Templo de Júpiter Olímpico em Atenas, do livro de Le Roy (1770). a — Perspectiva das ruínas, b — Planta reconstituída

<sup>45</sup> *Les ruines des plus beaux monuments de la Grèce considérées du côté de l'histoire et du côté de l'architecture*, Seconde édition corrigée et augmentée (Delatour, 1770), <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k854533n>.

<sup>46</sup> “History and Science: Julien-David Leroy’s ‘Dualistic Method of Architectural History’”, *Journal of the Society of Architectural Historians* 60, n. 3 (2001): 260–89, <https://doi.org/10.2307/991756>.

Le Roy evidenciou na sua obra a diversidade de formas adotadas em diferentes épocas da Antiguidade. O resultado demonstrava claramente a diversidade de proporções e composições em diferentes épocas e regiões da Grécia antiga, mas ainda subordinada a uma busca pelo estabelecimento de modelos universais para o projeto arquitetônico. A partir daí, os compêndios de ordens clássicas comparadas, como o de Charles Normand (1765–1840), reeditado e ampliado por seu filho em 1852,<sup>47</sup> tornaram-se no século XIX referências obrigatórias para o ensino e o projeto.

No entanto, para William Chambers (1723–1796), arquiteto escocês que representou a Companhia sueca das Índias Orientais na China, e mais ainda para o teórico da Academia de Arquitetura francesa A.-C. Quatremère de Quincy (1755–1849), a ideia de universalidade em arquitetura seria suplantada pela de tradições regionais irredutíveis a um princípio único. Essas tradições foram representadas por Chambers<sup>48</sup> com três tipos de cabanas primitivas que correspondiam, em Quatremère,<sup>49</sup> aos caracteres originários dos diferentes povos da Terra (fig. 7).

---

<sup>47</sup> Charles Pierre Joseph Normand, *Nouveau parallèle des ordres d'architecture des Grecs, des Romains et des auteurs modernes* (Normand, 1852).

<sup>48</sup> *A Treatise on Civil Architecture : In Which the Principles of That Art Are Laid down, and Illustrated by a Great Number of Plates Accurately Designed, and Elegantly Engraved by the Best Hands* (Printed for the author by J. Haberkorn, 1759), [https://archive.org/details/gri\\_33125011135288](https://archive.org/details/gri_33125011135288).

<sup>49</sup> “Caractère”, em *Architecture*, v. 1, org. A. C. Quatremère de Quincy, *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (Panckouke, 1788).

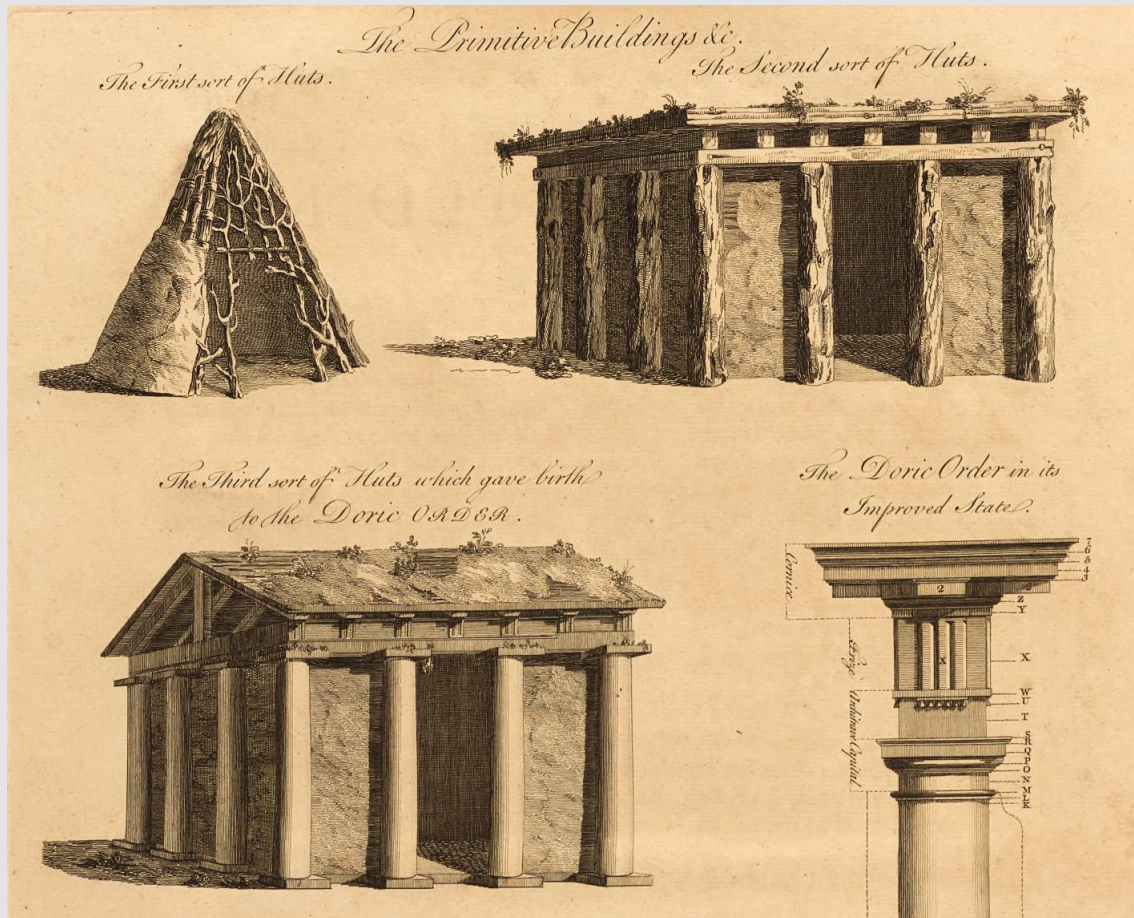


Figura 7: Cabanas primitivas segundo William Chambers em *A Treatise on Civil Architecture*, 1759. Fonte: digitalizado pelo Getty Research Institute

Os aspectos plásticos e construtivos não eram, porém, os únicos em pauta na formulação dos manuais comparativos. O *Recueil et parallèle des édifices de tout genre* de Jean-Nicolas-Louis Durand (1760–1834), publicado em 1799, era acompanhado por um relato histórico escrito por Jacques-Guillaume Legrand (1753–1807). A organização do livro correspondia aos “gêneros” de edifícios determinados por afinidades funcionais que fizessem sentido para o estudante contemporâneo de engenharia. As afinidades de propósito também compareciam, ainda que de modo superficial, nas pranchas de “Modelos de arquitetura” compiladas em 1849 sem pesquisa original por Jean-Antoine Coussin.<sup>50</sup> Esse

<sup>50</sup> *Modèles d'architecture depuis l'origine de cet art jusqu'à nos jours...* (A. Logerot, 1849), <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6208352x>.

livro representava uma extensão do seu *Génie de l'architecture* de 1822<sup>51</sup> com exemplos orientais e islâmicos.

Contrariamente a Durand e Legrand, que colocaram exemplos de arquitetura em paralelo com um texto interpretativo, os atlas de edifícios do século XIX, como o *Architecture Toscane* de Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny (1776–1850) e Auguste Famin (1776–1859) e o *Édifícios de Rome moderne* de Paul Letarouilly (1795–1855), tratavam a reconstituição gráfica como um produto autoexplicativo, e em grande medida autossuficiente, da investigação histórica e arqueológica. Não podia ser diferente, uma vez que o público-alvo dessas publicações eram estudantes e arquitetos para quem a utilidade dos levantamentos arqueológicos residia não no seu uso como fontes para uma discussão verbal sobre a história da sociedade, e sim na apropriação de elementos de composição espacial ou decorativa.

A teorização das diferenças entre tradições edilícias, por outro lado, forneceu o modelo para as primeiras histórias da arquitetura organizadas segundo estilos de áreas culturais — a estrutura do que veio a ser conhecido como a história comparada da arquitetura. Alguns anos antes da publicação do livro de Stieglitz, o arquiteto inglês James Elmes (1782–1862) ministrara, em 1819–20, suas palestras sobre a história da arquitetura. A sequência dos capítulos, publicados em 1821 sob forma de livro,<sup>52</sup> também era tributária do método da história universal, mas a motivação de Elmes era outra. Diferentemente do viés cientificista da história universal, mas também do pangermanismo político que Stieglitz demonstraria no seu livro, Elmes tomava partido no debate estético profissional e letrado entre medievalismo e classicismo, em favor deste último.

Para dar maior clareza à sua argumentação sem se afastar demais do projeto das histórias universais iluministas, Elmes instituiu uma divisão maior,

---

<sup>51</sup> Jean-Antoine Coussin, *Du génie de l'architecture* (Firmin Didot, 1822), <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k15131302>.

<sup>52</sup> James Elmes, *Lectures on Architecture, Comprising the History of the Art from the Earliest Times to the Present Day: Delivered at the Surrey and Russell Institutions, London, and the Philosophical Institution at Birmingham*, 2<sup>o</sup> ed. (Priestley and Weale, 1823), <http://archive.org/details/lecturesonarchit00elme>.

esta própria à arquitetura: aquela entre os períodos que integravam a linhagem cronológica da tradição europeia, começando ou no Egito antigo ou na Grécia, e as demais culturas edilícias do mundo. Estas últimas eram sempre tratadas cada uma como um bloco só, sem qualquer noção de transformação no tempo.

Na Alemanha, no Reino Unido e na França de meados do século XIX, foi publicado um grande número de histórias da arquitetura, muitas delas autointituladas “manuais”, “enciclopédias”, ou então anunciando sua ênfase nos “estilos”. Os capítulos desses livros invariavelmente remetiam ao modelo idealista consagrado por Stieglitz e Elmes, embora com diferenças na sua sequência e extensão. Alguns, como o inglês Thomas Hope<sup>53</sup> (1769–1831) ou o francês Jean-Baptiste Lesueur<sup>54</sup> (1794–1883), despacharam as culturas não europeias (sempre abrindo uma exceção para o Egito antigo) logo na introdução. É notável, porém, que mesmo assim eles considerassem indispensável mencioná-las, ainda que sumariamente — uma necessidade que o seu contemporâneo italiano Andrea Morselli,<sup>55</sup> por exemplo, sequer cogitara.

Muitas dessas obras, por demais numerosas para serem elencadas uma a uma, eram ostensivamente destinadas a um público diletante (e, por vezes, explicitamente feminino), mas é preciso lembrar que tal público era mais afeito aos debates sobre estilo do que é usual hoje em dia. Mesmo assim, a narrativa desses livros abordava com frequência problemas teóricos ou técnicos que interessam sobretudo a um público profissional da arquitetura ou especializado em história da arte. A componente técnica e especializada cresceu ao longo do século, na mesma medida que o ensino formal de arquitetura se consolidava como o modo predominante de acesso à profissão e que as cátedras de história se firmavam como unidades essenciais do curso. A narrativa de história da arquitetura pelo método comparado, portanto, adquiriu um caráter de ensino da

---

<sup>53</sup> *An Historical Essay on Architecture*, org. Edward Cresy (J. Murray, 1835).

<sup>54</sup> *Histoire et théorie de l'architecture* (Firmin-Didot, 1879), <https://catalog.hathitrust.org/Record/007043230>.

<sup>55</sup> *Cenno storico filosofico sull'architettura* (Omobono Manini, 1834), <https://catalog.hathitrust.org/Record/008407051>.

arquitetura por meio da história.

Ensinar arquitetura por meio da sua história não era uma proposta inusitada em meados do século XIX, em parte devido a Le Roy e à sua influência na Real Academia de Arquitetura e, após a Revolução Francesa, na Escola de Belas-Artes de Paris. Quando Le Roy inaugurou, em 1795, a primeira cátedra em história da arquitetura nessa escola,<sup>56</sup> ela era intitulada “teoria e história”. Muito sugestivamente quanto à abordagem pretendida para essa matéria, seus titulares foram quase todos arquitetos até o início do século XX.<sup>57</sup> Léon Dufourny (1754–1818) sucedeu a Le Roy como professor de teoria e história, e defendia que ensinar um ofício era o mesmo que ensinar a sua história.<sup>58</sup>

A formação da história comparada da arquitetura estava, portanto, ligada aos problemas estéticos e pedagógicos que interessavam aos arquitetos — e, em parte, aos leigos letrados — no século XIX. Esses problemas eram relacionados, afirmou Jean-Pierre Épron<sup>59</sup> (1929–2022), à consolidação do ofício da arquitetura como especialidade técnica nos padrões modernos, capaz de demonstrar a sua utilidade econômica e social.

Mesmo na Alemanha, onde a história da arquitetura era parte do campo universitário da história da arte, o manual de referência da prática profissional em finais do século XIX e início do XX, o *Handbuch der Architektur*, editado por Josef Durm (1837–1919), Herrmann Ende (1829–1907) e Eduard Schmitt (1842–1913), continha vários volumes dedicados à história. Estes iam desde sínteses do conhecimento estabelecido, como os textos de Durm sobre a arquitetura da Antiguidade clássica, até contribuições acadêmicas originais, como os dois

---

<sup>56</sup> Donald Drew Egbert, *The Beaux-Arts Tradition in French Architecture* (Princeton University Press, 1980), 38.

<sup>57</sup> Simona Talenti, *L'histoire de l'architecture en France: émergence d'une discipline (1863–1914)* (Picard, 2000).

<sup>58</sup> Pierre Pinon, “Les fondements de l’orientalisme architectural en France : Les cours d’histoire de l’architecture de Jean Nicolas Huyot à l’École des beaux-arts (1823-1840)”, em *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*, org. Nabila Oulebsir e Mercedes Volait, *D’une rive, l’autre* (Publications de l’Institut national d’histoire de l’art, 2009), <https://doi.org/10.4000/books.inha.4904>.

<sup>59</sup> *Comprendre l’éclectisme* (Norma, 1997).

volumes de história da arquitetura francesa por Heinrich Adolf von Geymüller<sup>60</sup> (1839–1909). Foi por isso que o método comparado pôde transcender os juízos estéticos contidos nos manuais do século XIX para continuar a exercer a sua hegemonia sobre o ensino de história da arquitetura durante boa parte do século XX. O ponto fulcral dessa transcendência era a filosofia da história de matriz idealista, formulada por Hegel. Presente desde Stieglitz em 1827, ela continuava implícita em livros-texto da virada do século, como os de Banister Fletcher (1833–1899)<sup>61</sup> ou Auguste Choisy<sup>62</sup> (1841–1909).

Dois aspectos dessa filosofia eram especialmente interessantes para as teorias modernistas em busca de justificação histórica. O primeiro era a noção de que a arquitetura histórica, tal como definida, por exemplo, na quinta edição do livro de Fletcher, se caracterizava pelo desenvolvimento orgânico do estilo no tempo, determinado pela evolução estrutural e espacial da construção. Embora houvesse modernistas, como Eliel Saarinen<sup>63</sup> (1873–1950), que preferissem aderir a um idealismo na tradição de Wölfflin, a explicação materialista para a evolução do estilo caía bem a teorias como as de Le Corbusier<sup>64</sup> (1887–1965) ou Lucio Costa<sup>65</sup> (1902–1998).

O segundo aspecto, menos frequentemente lembrado, diz respeito ao contexto profissional de escrita e uso das histórias comparadas. Para além da questão do estilo, a relação entre a arquitetura e o seu contexto técnico, social e econômico era um ensejo para apresentar a prática do arquiteto histórico como um antecedente direto daquela do profissional moderno.<sup>66</sup> Mesmo obras em

---

<sup>60</sup> *Die Baukunst der Renaissance in Frankreich*, 2 vols., Handbuch der Architektur, 2. Theil : die Baustile, 6. Band (A. Bergsträsser : A. Kröner, 1898).

<sup>61</sup> *A History of Architecture for the Student, Craftsman, and Amateur : Being a Comparative View of the Historical Styles from the Earliest Period* (B.T. Batsford, 1896), <http://archive.org/details/historyofarcocad00fletuoft>.

<sup>62</sup> *Histoire de l'architecture*, 2 vols. (Gauthier-Villars, 1899).

<sup>63</sup> *The Search for Form in Art and Architecture* (Dover, 1985).

<sup>64</sup> “Architecture, the Expression of the Materials and Methods of Our Times”, *Architectural Record* 117, n. 8 (1929): 123–28.

<sup>65</sup> “Documentação necessária”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 1 (1937): 31–39.

<sup>66</sup> Pedro P. Palazzo, “Comparative and Critical Histories in Professional Education: A Problem of Disciplinary Methods”, em *Valences of Historiography: Essays on Architectural History*,

estilos históricos, portanto, eram consideradas exemplares por modernistas idealistas como Bruno Zevi<sup>67</sup> (1918–2000) na medida em que elas mostrassem o projeto arquitetônico ao longo da história como sendo uma resolução de problemas de diversas ordens — funcionais, estruturais, sociais e assim por diante — e uma demonstração do progresso da liberdade criativa através do tempo.

### **Confrontos e derivas**

A rixa de Tafuri com respeito à abordagem de Bruno Zevi, tal como relatada por Andrew Leach<sup>68</sup> e Rixt Hoekstra,<sup>69</sup> ressalta a distinção entre ambas as tradições historiográficas que se desenvolveram paralelamente. A primeira é uma tradição literária que trata a arquitetura como fonte para o entendimento histórico — ou melhor dizendo, que usa para tanto as fontes escritas e gráficas em torno ao contexto social e produtivo dos artefatos construídos. A segunda é uma tradição disciplinar que se serve do conhecimento histórico como de um quadro que delimita o campo de possibilidades numa argumentação plausível. Esta argumentação, por sua vez, será elaborada dentro dos limites desse quadro por meio de ferramentas disciplinares de análise do ambiente construído.

Os pontos de contato entre ambos os modos estão no uso do método antiquário, ainda que com estratégias e práticas diferentes entre si. Para a tradição historiográfica disciplinar, as edificações e os espaços urbanos são o centro de interesse, quer seja como repertório ou suporte físico do projeto arquitetônico

---

org. Gevork Hartoonian (Routledge, 2024), <https://www.routledge.com/Valences-of-Historiography-Essays-on-Architectural-History/Hartoonian/p/book/9781032558974>.

<sup>67</sup> *Frank Lloyd Wright*, 1º ed., Serie di architettura (Zanichelli, 1979).

<sup>68</sup> “Choosing History: A Study of Manfredo Tafuri’s Theorisation of Architectural History and Architectural History Research” (tese de doutorado, Faculteit Ingenieurswetenschappen, Universiteit Gent, 2006).

<sup>69</sup> “Building Versus Bildung. Manfredo Tafuri and the Construction of a Historical Discipline” (Ph.D. Dissertation (Humanities), Rijksuniversiteit Gronigen, 2005), <http://irs.ub.rug.nl/ppn/283596589>.

contemporâneo, ou ainda como fontes para narrar — e, portanto, justificar — a evolução histórica do ofício profissional da arquitetura. A historiografia disciplinar foi, durante muito tempo, o modo predominante da história da arquitetura escrita por arquitetos — o que pode parecer uma descrição trivial, mas esse modo disciplinar de investigação é hoje marginal mesmo nas faculdades de arquitetura.

O lugar marginal a que a tradição historiográfica disciplinar em arquitetura foi relegada atualmente evidencia a desconfiança crítica contra a possibilidade de se produzir conhecimento legítimo fora do âmbito verbal. O ambiente construído interessa à tradição literária mormente enquanto fonte documental, ou seja, como representação tangível de relações sociais e produtivas intangíveis: estas sendo o verdadeiro objeto de interesse da investigação. “Podemos medir e descrever a forma dum edifício”, afirma peremptoriamente o arquiteto e professor de projeto Andrew Ballantyne, “mas sem uma cultura para situá-lo ele permanece desprovido de significado.”<sup>70</sup>

A disputa acerca da natureza desse significado, por sua vez, vai além da divergência quanto à vinculação da história às ferramentas arquitetônicas de análise. A premissa central que Ballantyne adota é a impossibilidade de se extrair qualquer significado por vias outras que não as fontes escritas, só estas capazes de situar o papel do edifício na sua cultura. Em Henri Lefebvre<sup>71</sup> (1901–1991), por exemplo, as imagens — incluindo a própria forma arquitetônica — são tratadas como produtos ideológicos para consumo, ao passo que apenas a reflexão verbal é capaz de transmitir a complexidade necessária ao discurso crítico.

O atual cenário hegemônico no âmbito da história da arquitetura enquanto campo de investigação acadêmica, portanto, aparenta ser o de um eclipse parcial da arquitetura e dos seus instrumentos disciplinares — acima de todos, o desenho

---

<sup>70</sup> Andrew Ballantyne, “Architecture as Evidence”, em *Rethinking Architectural Historiography*, org. Dana Arnold e Elvan Altan Ergut (Routledge, 2006), 36, tradução nossa.

<sup>71</sup> *Le droit à la ville*, 2ª ed., Société et urbanisme 1 (Anthropos, 1968).

de representação e análise — por trás das fontes escritas que usam essa arquitetura como pretexto para uma história das relações sociais. As fontes (icono)gráficas são admitidas nessa prática na medida em que os elementos a serem interpretados possam ser descritos verbalmente por meio de categorias claras e diretas — presença ou ausência, posição, raramente a discussão de medidas ou relações. Isso se traduz na última das diferenças características entre ambas as tradições historiográficas analisadas até aqui, a que diz respeito justamente à produção de imagens no contexto da investigação histórica.

Na tradição da história disciplinar, um papel central na narrativa é dado à produção de reconstituições visuais de construções desaparecidas ou alteradas, ou mesmo à padronização das representações de edificações existentes por meio do desenho técnico, assim como ao uso de diagramas explicativos. Pelo contrário, na tradição literária, o uso de imagens se limita, quase sempre, à reprodução de documentos visuais históricos — basta folhear os principais periódicos recentes de história da arquitetura, como o *Journal of the Society of Architectural Historians* ou o *Architectural Histories*, principalmente nos artigos que tratam de pesquisas sobre a arquitetura das idades Moderna e Contemporânea, para averiguar.<sup>72</sup> A história crítica, tal como definida por Tafuri,<sup>73</sup> exige esse distanciamento com respeito à visualidade instrumental porque a produção e o uso da imagem achata, supostamente, a complexidade interpretativa numa representação unívoca.

A suspeição da imagem como objeto e método de investigação implica a rejeição da análise visual enquanto chave de leitura das obras arquitetônicas. O aspecto mais evidente dessa rejeição foi o abandono dos estilos como esquemas interpretativos da arquitetura histórica, sinalizando, desde a primeira metade do

---

<sup>72</sup> Os periódicos franceses e italianos aparentam ser uma exceção a essa regra, mas isso é tão somente porque muitas investigações publicadas nesses meios são de cunho arqueológico, nas quais o levantamento e a reconstituição gráfica são indispensáveis.

<sup>73</sup> “Il ‘progetto’ storico”.

século XX como observou Alina A. Payne,<sup>74</sup> o afastamento da história da arquitetura com respeito à história da arte. Carmen Popescu<sup>75</sup> sustenta, contudo, que esse abandono da cronologia estilística como marco interpretativo em prol de uma “conceituação espacial” tornou questionável a historicidade da história modernista da arquitetura. Ficamos, portanto, diante do paradoxo de uma história da arquitetura que rejeita a visualidade da obra arquitetônica para melhor atingir os seus aspectos abstratos, como a espacialidade. Assim fazendo, porém, essa historiografia se rebate na pedagogia modernista que associa a pretensão de que a crítica seja o método definitivo de escrita da história com a ideologia de que a abstração tenha se tornado o método definitivo de teorização, composição e interpretação da arquitetura.

A ideia de um rebatimento da investigação na pedagogia é um tema estruturante da cultura universitária. Por isso, a hegemonia, na produção bibliográfica, da tradição literária em história da arquitetura, com o declínio recíproco do olhar arquitetônico sobre o passado, poderia dar a entender que o mesmo se passa, ou deveria se passar, no ensino de história da arquitetura. Considerando que esse ensino está predominantemente voltado para a formação profissional dos arquitetos, ao menos nas Américas e na península Ibérica, isso deixaria a história da arquitetura numa posição de relativo isolamento no fluxo curricular dos cursos de graduação. A tradição humanista na formação universitária em arquitetura vigente no continente americano oferece, é verdade, algum respaldo para a relevância mesmo de uma história totalmente avessa a se relacionar com os demais aprendizados do curso de arquitetura. Apesar disso, não são raras as grades curriculares brasileiras e estrangeiras que dedicam apenas um ou dois semestres aos estudos obrigatórios em história da arquitetura, em geral com ênfase na produção do último século.

Essa ênfase, não por acaso, também acomete uma deriva temática recente

---

<sup>74</sup> “Architectural History and the History of Art: A Suspended Dialogue”, *Journal of the Society of Architectural Historians* 58, n. 3 (1999): 292–99, <https://doi.org/10.2307/991521>.

<sup>75</sup> “No Need of Styles: Building up Architectural Historiography”, *Artl@s Bulletin* 13, n. 2 (2024): 65–66, <https://docs.lib.purdue.edu/artlas/vol13/iss2/5>.

da investigação em história da arquitetura. Essa deriva já era observada há uma década por Jarzombek,<sup>76</sup> quando notou que os departamentos de história da arquitetura nos Estados Unidos e na Europa se haviam em grande medida convertido em departamentos de história do modernismo. Macarena de la Vega de León<sup>77</sup> dá a entender que essa deriva é em certa medida consequência do aumento no interesse historiográfico por abordagens globais, intrinsecamente ligadas à difusão da modernidade técnica e arquitetônica. No Brasil, a homologia entre história da arquitetura e história da arquitetura moderna está naturalizada no predomínio numérico que este recorte apresenta na maior parte dos congressos disciplinares.<sup>78</sup> Reciprocamente, temas ligados à arquitetura anterior ao modernismo comparecem com maior frequência nos Simpósios nacionais e sobretudo regionais da Associação Nacional de História.

Contudo, a deriva da história da arquitetura rumo a um foco, senão dominante, ao menos crescente, na produção contemporânea tem um efeito colateral inesperado: a deriva da história rumo à teoria. No Brasil, a investigação sobre arquitetura recente se aferra à nomenclatura de história sobretudo na medida que é corrente, entre nós, o entendimento explicitado por Gustavo Rocha-Peixoto<sup>79</sup> de que qualquer teorização é condicionada pela sua historicidade. Para além da nomenclatura de teoria e história, o interesse crescente pelo patrimônio moderno também se concretiza com frequência em investigações que são, mais propriamente, apologias determinadas *a priori* por preferências estéticas e por teorias quanto aos instrumentos de gestão e planejamento das cidades contemporâneas.<sup>80</sup>

---

<sup>76</sup> “Architecture: The Global Imaginary in an Antiglobal World”, *Grey Room*, n. 61 (2015): 111–22, <https://www.jstor.org/stable/43832296>.

<sup>77</sup> “Modern to Contemporary: A Historiography of Global in Architecture”, *Cuaderno de Notas*, n. 20 (julho de 2019): 43, <https://doi.org/10.20868/cn.2019.4259>.

<sup>78</sup> Conforme a já citada revisão feita por Pereira, “O rumor das narrativas”.

<sup>79</sup> *A estratégia da aranha ou: da possibilidade de um ensino metahistórico em arquitetura*, Coleção Proarq (Rio Books, 2013).

<sup>80</sup> Será materialmente impossível fazer um apanhado representativo e justo dos numerosos trabalhos recentes. Será, também, desnecessário visto que os anais dos principais congressos nacionais e internacionais de arquitetura podem ser facilmente consultados online para averiguar a pertinência dessa generalização.

Mesmo o distanciamento pretendido entre uma história verbal e uma prática arquitetônica visual foi, assim, achatado pela confusão inevitável entre história e teoria. Desde Portugal, José Pedro Tenreiro<sup>81</sup> lamenta que o sistema hegemônico da história da arquitetura se esteja a desmantelar diante dos nossos olhos. Ele argumenta que a história da arquitetura moderna se desloca decididamente para o campo do discurso teórico, servindo-se de narrativas históricas. O próprio Tafuri,<sup>82</sup> tão cioso dessa distinção, deixou que a sua síntese de uma historiografia anti-imagética contaminasse, já na década de 1980, sua percepção da prática da arquitetura moderna, na qual ele condenava qualquer “tentação” de recuperar “o valor representativo da imagem”. O discurso teórico aplicado à história, então, torna-se incapaz de atingir o propósito pretendido com a perspectiva antidisciplinar da tradição historiográfica literária. Em vez disso, a estratégia metodológica que pretendia evitar os percalços das imagens entendidas como produtos de consumo se converteu ela mesma, como denuncia Christian F. Otto,<sup>83</sup> num produto de consumo para arquitetos em busca de legitimação verbal. Do momento que toda teoria é um artefato histórico, toda história torna-se suscetível de ser determinada por interesses teóricos.

Por outro lado, continua Tenreiro,<sup>84</sup> a história pré-moderna dedica-se cada vez mais às temáticas da chamada “história da construção”, um refúgio para os instrumentos disciplinares de investigação, com destaque para a arqueologia da arquitetura, em detrimento do teor político da história crítica. É verdade que estudiosos contemporâneos da história da construção, tais como João Mascarenhas-Mateus<sup>85</sup> e Alexandre Cojannot,<sup>86</sup> recepcionam a arqueologia da

---

<sup>81</sup> “The Fall of History: Architectural History’s Challenges in the 2020s Teaching”, em *Emerging Perspectives on Teaching Architecture and Urbanism*, org. David Leite Viana et al. (Cambridge Scholars, 2023), 220.

<sup>82</sup> *Storia dell’architettura italiana: 1944-1985*, [1982] (Einaudi, 2002), 87.

<sup>83</sup> “Program and Programs”, em *Rethinking Architectural Historiography*, org. Dana Arnold e Elvan Altan Ergut (Routledge, 2006).

<sup>84</sup> “The Fall of History”, 223.

<sup>85</sup> *Técnicas tradicionais de construção de alvenarias: a literatura técnica de 1750 a 1900 e o seu contributo para a conservação de edifícios históricos* (Horizonte, 2002).

arquitetura e um interesse em reconstituir saberes técnicos disciplinares no canteiro de obras ou no escritório de projetos. Contudo, também é verdade que esse interesse da história da construção pelos saberes disciplinares se dá num âmbito cuidadosamente compartimentado com respeito à prática contemporânea, e mais frequentemente levado a cabo por historiadores da arte e arqueólogos do que por arquitetos. A ênfase nas relações de produção atinentes à encomenda e ao canteiro de obra coloca a maior parte das investigações em história da construção decididamente no campo da historiografia defendida por Ballantyne, que usa o objeto arquitetônico como pretexto para o estudo do intangível, isto é, da abstração.

A ênfase da historiografia desde o século XX na abstração verbal e espacial, associada à diluição da autonomia crítica da história ante o seu consumo pelos interesses teóricos do *revivalismo* modernista contemporâneo, permitem lançar uma luz renovada sobre a validade da crítica idealista que alicerça o estudo arquitetônico (ou seja, comparado) da história. Um marco que legitimou a interpretação do ambiente construído enquanto organismo dotado ao mesmo tempo de historicidade e de intencionalidade formal foi o livro *A arquitetura da cidade*, de Aldo Rossi (1931–1997), publicado em 1966.

A expressão mais estruturada de uma história operativa da arquitetura fundamentada na definição idealista de crítica, contudo, foi a tipologia processual, que o arquiteto italiano Saverio Muratori (1910–1973) conceituou nas décadas de 1950 e 60.<sup>87</sup> Enquanto a tradição historiográfica antidisciplinar concentra o seu interesse na produção arquitetônica monumental e de elite devido à abundância de fontes escritas, a tipologia processual se vale de uma análise morfológica amparada tanto numa arqueologia do território quanto na interpretação do processo de construção, ampliação e subdivisão do solo e das

---

<sup>86</sup> “Du maître d’œuvre isolé à l’agence : l’architecte et ses collaborateurs en France au xviii<sup>e</sup> siècle”, *Perspective. Actualité en histoire de l’art*, n. 1 (2014/juin/01): 121–28, <https://doi.org/10.4000/perspective.4403>.

<sup>87</sup> “Studi per una operante storia urbana di Venezia. I”, *Palladio* IX, n. 3–4 (1959): 97–209; *Civiltà e territorio* (Centro studi di storia urbanistica, 1967); *Metodologia del sistema realtà-autocoscienza: dalle ultime lezioni : 1972-1973* (Centro studi di storia urbanistica, 1978).

edificações. Gianfranco Caniggia (1933–1987) e Gian Luigi Maffei (1942–2019)<sup>88</sup> explicitaram o vínculo metodológico entre essa abordagem disciplinar da história da arquitetura e o seu reatamento operativo no projeto. Desde então, coube a autores como Attilio Petruccioli,<sup>89</sup> Vítor Oliveira<sup>90</sup> e, no Brasil, Maria Manoela Gimmler Netto e Staël de Alvarenga Pereira Costa,<sup>91</sup> exemplificar a aplicação da tipologia processual a investigações históricas autônomas.

Entretanto, a possibilidade de uma crítica comparada em arcos temporais profundos também se presta a um jogo verbal que prioriza a abstração, como na já mencionada associação que Emil Kaufmann fez entre o neoclassicismo de Ledoux e o modernismo de Le Corbusier. Mais recentemente, Rocha-Peixoto<sup>92</sup> executa uma associação especulativa de objetos históricos (ainda que, em sua maioria, modernistas) calcada em interesses arquitetônicos contemporâneos, mais do que na reconstituição crítica do seu contexto original. Essa obra exemplifica a capacidade que o discurso conceitual da abstração modernista tem de transitar entre, ou até unificar, narrativas literárias e a discussão da visualidade de obras de arte e arquitetura. A narrativa de Rocha-Peixoto resulta, como alertaram Jarzombek e Tenreiro, em colocar a história da arquitetura a serviço de uma teoria sobre a atemporalidade da abstração espacial enquanto método de composição. Nisso, ela rebate um argumento historiográfico em teoria da arquitetura, recusando a distinção entre crítica e disciplinaridade.

---

<sup>88</sup> *Composizione architettonica e tipologia edilizia* (Marsilio, 1981).

<sup>89</sup> *Typological Process and Design Theory*, Proceedings of the International Symposium ... March 1995 (Aga Khan Program for Islamic Architecture at Harvard University: Massachusetts Institute of Technology, 1998), <https://archnet.org/publications/4240>.

<sup>90</sup> *Diferentes abordagens em morfologia urbana. Contributos luso-brasileiros* (Urban Forms, 2018).

<sup>91</sup> *Fundamentos de morfologia urbana (C/Arte)*, 2015).

<sup>92</sup> *Fogo, vazio e silêncio: um banquete* (Editora UFRJ, 2024), <http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/24514>.

### **Conclusão: Apologia das duas histórias**

O problema da apropriação da história da arquitetura pela teoria (verbal) da arquitetura nos leva de volta à origem da distinção entre a tradição historiográfica literária e a tradição historiográfica disciplinar. Ambas se originam do método antiquário que, no Renascimento tardio, se preocupou em autenticar e interpretar artefatos da Antiguidade. A divergência entre as tradições literária e disciplinar corresponde aos distintos interesses e grupos sociais em torno ao estudo da história da arquitetura. Na cultura humanística do Renascimento, a arquitetura era uma dentre várias categorias de artefatos capazes de evocar o prestígio da Roma antiga, desde que mediadas pela escrita. Nessa tradição, o uso da arquitetura como fonte para o entendimento histórico da sociedade foi cultivado nos círculos literários das cortes europeias, até se estabelecer, nos séculos XVIII a XX, como uma disciplina universitária subordinada ao programa iluminista das sínteses históricas universais. A tradição literária coexistiu durante esse tempo, em âmbitos distintos mas não impenetráveis entre si, com a tradição disciplinar, que se servia do método antiquário para definir e estudar o próprio campo disciplinar da arquitetura. A história disciplinar da arquitetura desenvolveu ao longo do século XIX a forma canônica da história comparada, uma síntese adaptada ao ensino da arquitetura por meio de exemplos históricos. Ao longo desse processo de divergência entre as duas tradições, houve ocasionais trocas metodológicas entre elas, como na apropriação da comparatística literária por parte da história disciplinar, ou na contribuição dos sistemas teóricos disciplinares à formulação de narrativas de cunho idealista na tradição historiográfica literária.

Embora a separação entre as duas tradições tenha sido propugnada por alguns dos principais teóricos da história da arte e da arquitetura no século XX, eles o fizeram num espírito de combate contra os abusos interpretativos do idealismo. A definição de história como um contínuo processo de transformação se rebate num entendimento da historiografia da arquitetura como sendo uma

operação abstrata e sempre provisória. Essa história crítica da arquitetura rejeita, para melhor abordar a complexidade do seu objeto de estudo, todas as barreiras disciplinares, exceto a barreira que passou a separar história e arquitetura. Essa delimitação antidisciplinar e abstrata teve como resultado promover as histórias da Idade Moderna e, mais ainda, do modernismo como os temas críticos por excelência.

O panorama efetivo da história da arquitetura na atualidade vai além de restrições de nomenclatura ou admoestações metodológicas. O que se entende por história da arquitetura hoje inclui, é certo, muitos (e excelentes) trabalhos de história das relações sociais e produtivas que tocam no ambiente construído como pouco mais do que um pretexto para os seus recortes temáticos. Não é o caso de negar a relevância desses trabalhos, seja enquanto investigação histórica, seja enquanto instrumento da formação cultural e cidadã dos arquitetos, mas de reconhecer a dualidade das histórias da arquitetura como uma realidade e um complemento necessário da investigação e da formação profissional em arquitetura. A história crítica resguarda assim um estranhamento conceitual com respeito à visualidade do seu objeto de estudo, evitando distorções interpretativas causadas pela projeção de teorias e conceitos contemporâneos sobre o passado.

Por outro lado, o conhecimento aprofundado da arquitetura histórica só pode ser atingido agregando à história verbal os métodos disciplinares de análise do ambiente construído. O instrumental disciplinar da arquitetura e do antiquarismo continua a fornecer, ainda que por vezes discretamente, insumos indispensáveis mesmo a uma escrita da história que atribua o valor preponderante às fontes escritas e à formulação verbal da crítica. A arqueologia das construções e os estudos morfológicos são dois campos com relevância evidente na produção de fontes para a interpretação historiográfica. No entanto, essa relevância não se reflete num volume de publicações em periódicos de arquitetura de língua portuguesa — seja porque os resultados de investigações arqueológicas são diretamente instrumentalizados pela intervenção no patrimônio edificado, havendo menor interesse por partilhá-la sob forma de artigo, seja porque a

carência de periódicos dedicados à história da arquitetura no nosso idioma direciona tais artigos para outros campos disciplinares, sobretudo periódicos de estudos urbanos e história da arte. Nesses casos também, o contraste é significativo entre análises físicas de construções modernas, frequentemente veiculadas em periódicos de arquitetura, e a menor frequência de publicações referentes a edificações mais antigas ou vernaculares.

O atual quadro de atuação na historiografia da arquitetura é de alguma desestabilização nos aparentes consensos que emergiram do triunfo da história crítica na virada deste século. Essa desestabilização vem tanto do lado do revivalismo modernista, com renovadas tentativas de afirmar o predomínio da teoria sobre a história, quanto da consolidação de especialidades disciplinares da arquitetura, com o reconhecimento do seu papel de fundamentação na escrita da história. Diante da revisão em curso no quadro normativo da formação profissional em arquitetura e urbanismo no Brasil, uma reflexão sobre os modos de produzir e transmitir conhecimentos históricos é bem-vinda, a ser conduzida segundo os paradigmas próprios à perspectiva dual da história da arquitetura.

Recebido em: 10/01/26 – Aceito em: 20/03/26

## **Referências**

Araújo, André. “Tradução Ilustrada: Imagens da História Universal inglesa e de suas edições europeias no século XVIII”. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography* 11, n. 26 (2018): 69–100. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i26.1168>.

Arnold, Dana, e Stephen Bending. “Introduction”. Em *Tracing Architecture: The Aesthetics of Antiquarianism*, organizado por Dana Arnold e Stephen Bending. Blackwell, 2003.

Ballantyne, Andrew. “Architecture as Evidence”. Em *Rethinking Architectural Historiography*, organizado por Dana Arnold e Elvan Altan Ergut. Routledge, 2006.

Binfield, Clyde. “Architecture and History: An Introduction”. *Transactions of the Royal Historical Society* 13 (2003): 189–97.  
<https://www.jstor.org/stable/3679251>.

Biraghi, Marco. *Progetto di crisi: Manfredo Tafuri e l'architettura contemporanea*. Vita delle forme 4. Marinotti, 2005.

Blondel, Jacques-François. [*Planches pour les volumes 1–2 du cours d'architecture*]. [Vve Desaint], 1771.  
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6574362q>.

Bower, Archibald, John Campbell, George Psalmanazar, George Sale, George Shelvocke, e John Swinton, org. *An Universal History, from the Earliest Account of Time to the Present; Compiled from Original Authors and Illustrated with Maps, Cuts, Notes, Chronological and Other Tables*. 44 vols. George Faulkner, 1734. <http://archive.org/details/AnUniversalHistoryFOLIOEDITION1734>.

Brice, Germain. *Description nouvelle de ce qu'il y a de plus remarquable dans la ville de Paris*. 1 vol. Vve Audinet, 1684.  
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8596306>.

Caniggia, Gianfranco, e Gian Luigi Maffei. *Composizione architettonica e tipologia edilizia*. Marsilio, 1981.

Chambers, William. *A Treatise on Civil Architecture : In Which the Principles of That Art Are Laid down, and Illustrated by a Great Number of Plates Accurately Designed, and Elegantly Engraved by the Best Hands*. Printed for the author by J. Haberkorn, 1759. [https://archive.org/details/gri\\_33125011135288](https://archive.org/details/gri_33125011135288).

Choisy, Auguste. *Histoire de l'architecture*. 2 vols. Gauthier-Villars, 1899.

Cojannot, Alexandre. “Du maître d'œuvre isolé à l'agence : l'architecte et ses collaborateurs en France au xviiie siècle”. *Perspective. Actualité en histoire de l'art*, n. 1 (2014/juin/01): 121–28. <https://doi.org/10.4000/perspective.4403>.

Collins, Peter. *Changing Ideals in Modern Architecture 1750–1950*. McGill University Press, 1965.

Costa, Lucio. “Documentação necessária”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 1 (1937): 31–39.

Coussin, Jean-Antoine. *Du génie de l’architecture*. Firmin Didot, 1822.  
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k15131302>.

Coussin, Jean-Antoine. *Modèles d’architecture depuis l’origine de cet art jusqu’à nos jours...* A. Logerot, 1849.  
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6208352x>.

Crinson, Mark, e Richard J. Williams. *The Architecture of Art History: A Historiography*. Bloomsbury Visual Arts, 2018.

Delft, Louis van. *Nature humaine et caractère a l’âge classique*. Presses Universitaires de France, 1993. <https://doi.org/10.3917/puf.ricoe.1993.01>.

Desgodets, Antoine. *Les édifices antiques de Rome : dessinés et mesurés très exactement*. J. B. Coignard, 1682.  
<https://digital.library.wisc.edu/1711.dl/DV7EFDVLIOW6S8A>.

Durand, Jean-Nicolas-Louis, e Jacques-Guillaume Legrand. *Recueil et parallèle des édifices de tout genre anciens et modernes, remarquables par leur beauté, leur grandeur, ou par leur singularité, et dessinés sur une même échelle. ... avec un texte extrait de l’Histoire générale de l’architecture...* 2 vols. Gillé Fils, An VIII, an IX [1799-1801]. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k85721q>.

Egbert, Donald Drew. *The Beaux-Arts Tradition in French Architecture*. Princeton University Press, 1980.

Elmes, James. *Lectures on Architecture, Comprising the History of the Art from the Earliest Times to the Present Day: Delivered at the Surrey and Russell Institutions, London, and the Philosophical Institution at Birmingham*. 2<sup>o</sup> ed. Priestley and Weale, 1823. <http://archive.org/details/lecturesonarchit00elme>.

Épron, Jean-Pierre. *Comprendre l’éclectisme*. Norma, 1997.

Famin, Auguste Pierre Sainte Marie, e Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny. *Architecture toscane, ou, Palais, maisons, et autres édifices de la Toscane*. Chez les auteurs, 1806. [http://archive.org/details/gri\\_33125012245235](http://archive.org/details/gri_33125012245235).

Fletcher, Banister, e Banister F. Fletcher. *A History of Architecture for the Student, Craftsman, and Amateur : Being a Comparative View of the Historical*

*Styles from the Earliest Period*. B.T. Batsford, 1896.  
<http://archive.org/details/historyofarocad00fletuoft>.

Fletcher, Banister, e Banister F. Fletcher. *A History of Architecture on the Comparative Method for the Student, Craftsman, and Amateur*. 5<sup>o</sup> ed. Batsford : Scribner's sons, 1905. <http://archive.org/details/historyofarchite00flet>.

Geymüller, Heinrich Adolf von. *Die Baukunst der Renaissance in Frankreich*. 2 vols. Handbuch der Architektur, 2. Theil: die Baustile, 6. Band. A. Bergsträsser : A . Kröner, 1898.

Harris, Dianne. “That’s Not Architectural History!” *Journal of the Society of Architectural Historians* 70, n. 2 (2011): 149–52.  
<https://doi.org/10.1525/jsah.2011.70.2.149>.

Hazard, Paul. *La Crise de la conscience européenne (1680–1715)*. Boivin, 1934.

Herrmann, Wolfgang. “Antoine Desgodets and the Académie Royale d’Architecture”. *The Art Bulletin* 40, n. 1 (1958): 23–53.  
<https://doi.org/10.2307/3047746>.

Hoekstra, Titia Rixt. “Building Versus Bildung. Manfredo Tafuri and the Construction of a Historical Discipline”. Ph.D. Dissertation (Humanities), Rijksuniversiteit Gronigen, 2005. <http://irs.ub.rug.nl/ppn/283596589>.

Hope, Thomas. *An Historical Essay on Architecture*. Organizado por Edward Cresy. J. Murray, 1835.

Jarzombek, Mark. “A Prolegomena to Critical Historiography”. *Journal of Architectural Education* 52, n. 4 (1999): 197–206.  
<https://www.jstor.org/stable/1425409>.

Jarzombek, Mark. “Architecture: The Global Imaginary in an Antiglobal World”. *Grey Room*, n. 61 (2015): 111–22. <https://www.jstor.org/stable/43832296>.

Kaufmann, Thomas DaCosta. “Antiquarianism, the History of Objects, and the History of Art Before Winckelmann”. *Journal of the History of Ideas* 62, n. 3 (2001): 523–41. <https://doi.org/10.2307/3654154>.

Kaufmann, Thomas DaCosta. “Before Winckelmann: Toward the Origins of the Historiography of Art”. Em *Knowledge, Science, and Literature in Early Modern Germany*, v. 116, organizado por Gerhild Scholz Williams e Stephan K.

Schindler. University of North Carolina Press, 1996.

[https://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469656472\\_williams.7](https://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469656472_williams.7).

Kisacky, Jeanne. “History and Science: Julien-David Leroy’s ‘Dualistic Method of Architectural History’”. *Journal of the Society of Architectural Historians* 60, n. 3 (2001): 260–89. <https://doi.org/10.2307/991756>.

Le Corbusier. “Architecture, the Expression of the Materials and Methods of Our Times”. *Architectural Record* 117, n. 8 (1929): 123–28.

Le Roy, Julien-David. *Les ruines des plus beaux monuments de la Grèce considérées du côté de l’histoire et du côté de l’architecture*. Seconde édition corrigée et augmentée. Delatour, 1770.

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k854533n>.

Leach, Andrew. “Choosing History: A Study of Manfredo Tafuri’s Theorisation of Architectural History and Architectural History Research”. Tese de doutorado, Faculteit Ingenieurswetenschappen, Universiteit Gent, 2006.

Lefebvre, Henri. *Le droit à la ville*. 2<sup>o</sup> ed. Société et urbanisme 1. Anthropos, 1968.

Lesueur, Jean-Baptiste. *Histoire et théorie de l’architecture*. Firmin-Didot, 1879. <https://catalog.hathitrust.org/Record/007043230>.

Letarouilly, Paul Marie. *Édifices de Rome moderne ou recueil des palais, maisons, églises, couvents et autres monuments publics et praticuliers les plus remarquables*. 6 vols. Firmin-Didot frères, 1840–1857. <http://www.e-rara.ch/zut/8787968>.

Levy, Evonne. “Sedlmayr and Wittkower (1931–1932): More Than a Skirmish”. *Selva*, n. 2 (2020): 51–59. <https://selvajournal.org/article/sedlmayr-and-wittkower/>.

Mascarenhas-Mateus, João. *Técnicas tradicionais de construção de alvenarias: a literatura técnica de 1750 a 1900 e o seu contributo para a conservação de edifícios históricos*. Horizonte, 2002.

McKellar, Elizabeth. “Tales of Two Cities: Architecture, Print and Early Guidebooks to Paris and London”. *Humanities* 2, n. 3, 3 (2013): 328–50. <https://doi.org/10.3390/h2030328>.

- Miller, Naomi. “*Antiquités de Paris: A Text for Architects, Antiquarians, Amateurs*”. *Zeitschrift Für Kunstgeschichte* 67, n. 4 (2004): 540–50.  
<https://doi.org/10.2307/20474269>.
- Moreira, Rafael de Faria Domingues. “Um tratado português de arquitectura do século XVI : 1576-1579”. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982.  
<http://hdl.handle.net/10362/122116>.
- Morselli, Andrea. *Cenno storico filosofico sull'architettura*. Omobono Manini, 1834. <https://catalog.hathitrust.org/Record/008407051>.
- Muratori, Saverio. *Civiltà e territorio*. Centro studi di storia urbanistica, 1967.
- Muratori, Saverio. *Metodologia del sistema realtà-autocoscienza: dalle ultime lezioni : 1972-1973*. Centro studi di storia urbanistica, 1978.
- Muratori, Saverio. “Studi per una operante storia urbana di Venezia. I”. *Palladio* IX, n. 3–4 (1959): 97–209.
- Netto, Maria Manoela Gimmler, e Stael de Alvarenga Pereira Costa. *Fundamentos de morfologia urbana*. C/Arte, 2015.
- Neville, Kristoffer. “Fischer von Erlach and the Habsburg Imperial Historians”. *Word & Image* 39, n. 2 (2023): 111–33.  
<https://doi.org/10.1080/02666286.2022.2069955>.
- Neville, Kristoffer. “Johann Bernhard Fischer von Erlach and the Humanistic Discourse Among Architects Around 1700”. Em *Architekt Und/Versus Baumeister: Die Frage Nach Dem Metier*, organizado por Tiziana De Filippo, Werner Oechslin, Isabel Haupt, Ralph-Miklas Dobler, Stiftung Bibliothek Werner Oechslin, e Eidgenössische Technische Hochschule Zürich. Studien Und Texte Zur Geschichte Der Architekturtheorie. Gta-Verl, 2009.
- Normand, Charles Pierre Joseph. *Nouveau parallèle des ordres d'architecture des Grecs, des Romains et des auteurs modernes*. Normand, 1852.
- Oliveira, Myriam Andrade Ribeiro de. “A pintura de perspectiva em Minas Colonial, ciclo barroco”. *Barroco* 10 (1978).
- Oliveira, Myriam Andrade Ribeiro de. “A pintura de perspectiva em Minas Colonial, ciclo rococó”. *Barroco* 12 (1982): 170–81.

Oliveira, Vítor, org. *Diferentes abordagens em morfologia urbana. Contributos luso-brasileiros*. Urban Forms, 2018.

Otto, Christian F. “Program and Programs”. Em *Rethinking Architectural Historiography*, organizado por Dana Arnold e Elvan Altan Ergut. Routledge, 2006.

Palazzo, Pedro P. “Comparative and Critical Histories in Professional Education: A Problem of Disciplinary Methods”. Em *Valences of Historiography: Essays on Architectural History*, organizado por Gevork Hartoonian. Routledge, 2024.  
<https://www.routledge.com/Valences-of-Historiography-Essays-on-Architectural-History/Hartoonian/p/book/9781032558974>.

Panofsky, Erwin. *Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento*. Estampa, 1986.

Payne, Alina A. “Architectural History and the History of Art: A Suspended Dialogue”. *Journal of the Society of Architectural Historians* 58, n. 3 (1999): 292–99. <https://doi.org/10.2307/991521>.

Payne, Alina A. “Rudolf Wittkower and Architectural Principles in the Age of Modernism”. *Journal of the Society of Architectural Historians* 53, n. 3 (1994): 322–42. <https://doi.org/10.2307/990940>.

Pereira, Margareth da Silva. “O rumor das narrativas: A história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico — notas para uma avaliação”. *ReDoBra*, n. 13 (2013): 201–47.  
[http://www.redobra.ufba.br/?page\\_id=193](http://www.redobra.ufba.br/?page_id=193).

Pérez-Gómez, Alberto. *Architecture and the Crisis of Modern Science*. MIT Press, 1983.

Petrucchioli, Attilio, org. *Typological Process and Design Theory*. Proceedings of the International Symposium ... March 1995. Aga Khan Program for Islamic Architecture at Harvard University : Massachusetts Institute of Technology, 1998. <https://archnet.org/publications/4240>.

Pinon, Pierre. “Les fondements de l’orientalisme architectural en France : Les cours d’histoire de l’architecture de Jean Nicolas Huyot à l’École des beaux-arts (1823-1840)”. Em *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*, organizado por Nabila Oulebsir e Mercedes Volait. D’une rive, l’autre.

Publications de l'Institut national d'histoire de l'art, 2009.  
<https://doi.org/10.4000/books.inha.4904>.

Podro, Michael. *The Critical Historians of Art*. Yale University Press, 1982.

Popescu, Carmen. "No Need of Styles: Building up Architectural Historiography". *Artl@s Bulletin* 13, n. 2 (2024): 57–67.  
<https://docs.lib.purdue.edu/artlas/vol13/iss2/5>.

Prager, Brad. *Aesthetic Vision and German Romanticism: Writing Images*. Camden House, 2007. <https://books.google.com?id=r2JtOjOQSekC>.

Quatremère de Quincy, Antoine Chrysostome. "Caractère". Em *Architecture*, v. 1, organizado por A. C. Quatremère de Quincy. Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers. Panckouke, 1788.

Riegl, Alois. *Stilfragen: Grundlegungen zu einer Geschichte der Ornamentik*. Siemens, 1893. <http://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.70527>.

Rocha-Peixoto, Gustavo. *A estratégia da aranha ou: da possibilidade de um ensino metahistórico em arquitetura*. Coleção Proarq. Rio Books, 2013.

Rocha-Peixoto, Gustavo. *Fogo, vazio e silêncio: um banquete*. Editora UFRJ, 2024. <http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/24514>.

Rossi, Aldo. *A arquitetura da cidade*. Martins Fontes, 1995.

Rowe, Colin. "The Mathematics of the Ideal Villa: Palladio and Le Corbusier Compared". *The Architectural Review* 101, n. 603 (1947): 101–4.  
[https://archive.org/details/sim\\_architectural-review\\_1947-03\\_101\\_603/page/n31](https://archive.org/details/sim_architectural-review_1947-03_101_603/page/n31).

Rykwert, Joseph. *The First Moderns: The Architects of the Eighteenth Century*. MIT Press, 1991.

Saarinen, Eliel. *The Search for Form in Art and Architecture*. Dover, 1985.

Sauval, Henri. *Histoire et recherches des antiquités de la ville de Paris*. 3 vols. C. Moette, 1724. <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31304483m>.

Stieglitz, Christian Ludwig. *Geschichte der Baukunst vom frühesten Alterthume bis in die neuern Zeiten*. Friedrich Campe, 1827.  
<https://catalog.hathitrust.org/Record/006213031>.

Tafuri, Manfredo. "Il 'progetto' storico". *Casabella*, n. 429 (1977): 11–18.

- Tafuri, Manfredo. *Progetto e utopia: architettura e sviluppo capitalistico*. Laterza, 1977.
- Tafuri, Manfredo. *Storia dell'architettura italiana: 1944-1985*. [1982]. Einaudi, 2002.
- Tafuri, Manfredo. *Teorie e storia dell'architettura*. Biblioteca di cultura moderna 649. Laterza, 1968.
- Talenti, Simona. *L'histoire de l'architecture en France: émergence d'une discipline (1863–1914)*. Picard, 2000.
- Tenreiro, José Pedro. “The Fall of History: Architectural History’s Challenges in the 2020s Teaching”. Em *Emerging Perspectives on Teaching Architecture and Urbanism*, organizado por David Leite Viana, Emílio da Cruz Brandão, Franklim Morais, Isabel Cristina Carvalho, José P. Duarte, e Nicolau Brandão. Cambridge Scholars, 2023.
- Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie die in Engeland durch eine Gesellschaft von Gelehrten ausgefertigt worden*. Joh. Justinus Gebauer, 1744–1814.
- Vega de León, Macarena de la. “Modern to Contemporary: A Historiography of Global in Architecture”. *Cuaderno de Notas*, n. 20 (julho de 2019): 43.  
<https://doi.org/10.20868/cn.2019.4259>.
- Vega, Macarena de la. “Reconsidering Emil Kaufmann’s *Von Ledoux Bis Le Corbusier*”. *Cuaderno de Notas*, n. 15 (novembro de 2014): 110.  
<https://doi.org/10.20868/cn.2014.2962>.
- Vitruvio. *I dieci libri dell'architettura*. Editado e traduzido por Daniele Barbaro. Francesco Marcolini, 1556. [http://archive.org/details/gri\\_33125009320074](http://archive.org/details/gri_33125009320074).
- Watkin, David. *The Rise of Architectural History*. Architectural Press : Eastview, 1980.
- Winckelmann, Johann Joachim. *Geschichte der Kunst des Alterthums*. Walther, 1764. <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/winckelmann1764>.
- Wittkower, Rudolf. *Architectural Principles in the Age of Humanism*. 3º ed. Alec Tiranti, 1962.

Wölfflin, Heinrich. *Renaissance und Barock : eine Untersuchung über Wesen und Entstehung des Barockstils in Italien*. T. Ackermann, 1888.

[http://archive.org/details/gri\\_33125006523688](http://archive.org/details/gri_33125006523688).

Zevi, Bruno. *Frank Lloyd Wright*. 1° ed. Serie di architettura. Zanichelli, 1979.